

Podia parecer óbvia escolha trocar o sombrio Los Angeles para o álbum. Afinal, que melhor cenário para a cândida e sensual cantora que tomou de assalto, com apenas 19 anos, a cena indie pop com o brilhante Youth Novels, em 2008?

A artista, agora com 24 anos, cresceu e deixou para trás o selo de queridinha pop com o qual, aliás, nunca se identificou. Em entrevista à revista NME ficamos a perceber que há muito mais de mágoa,

revolta e irrequietude em LYKKE LI do que a leveza vaporosa que o registo inaugural fazia prever. Ao fim de quatro anos a espalhar magia pelo mundo, com concertos sucessivos e novas aventuras, a cantora deixou-se cair numa espiral depressiva, sentindo-se sem raízes, como um corpo estranho a orbitar

álbum, Wounded Rhymes, a sueca LYKKE LI numa galáxia que já não era a sua, Estocolmo. Assim, como num perfeito cliché,

o seu lado obscuro com uma prova de perda da onde acontece, Nova Iorque. De novo, um engano. Cansada de betão, gente escanzelada e de passar noites sem ver as estrelas, voltou a transladar a sua alma despedaçada para Los Angeles,

inocência deixada para trás, onde se redescobriu na natureza, no isolamento selvagem do deserto. Desta busca pela identidade perdida eclodiu o novo álbum com o premonitório

título Wounded Rhymes (rimas feridas). É quase palpável o amadurecimento de LYKKE LI. Wounded Rhymes surge como uma colecção de canções calejadas pelo tempo que soam mais a experiência do que a inocência. Um disco que parece ter sugado cada gota de energia da cantora, recheado de emoções sofridas, ambientes soturnos, raiva, desolação e vingança. Mas, acima de tudo, que celebra o poder feminino ou, como a própria chamou, "pussy power". Uma afirmação de força e de poder bem presentes no refrão do single de estreia Get

Some: "I'm your prostitute, you gon' get some". Ou não fossem nomes como ANAÏS NIN, SIMONE DE BEAUVOIR, EDITH PIAF ou PATTI SMITH

algumas das suas mais presentes referências.

novamente entregue a BJORN YTTLING (dos Peter, Bjorn and John), que se moldou ao estado de espírito da jovem renascida das cinzas, ajudando a construir um álbum

menos atmosférico e mais directo, negro e

temperamental. A viagem abre com Youth Knows No Pain, canção percussiva, habitada por tambores africanos e órgãos vintage a servir de base aos vocais

em tom instigador, como uma guerreira na frente de batalha. Apesar de emocionalmente quebrada no resto do álbum, a cantora atira-se confiante neste tema, sexy e ameaçadora. Em I Follow Rivers, voltamos a recolher-nos no seu casulo de vulnerabilidade, ao sabor da corrente em busca de um amante entre palmas digitalizadas e guitarras em suspensão. A percussão tribal volta a orientar-nos o caminho em Love Out of Lust, canção de beleza desarmante, letra lindíssima, numa tentativa angustiante de ficar junto da sua paixão: "We

will live longer than I will / We will be better than I was / We can cross rivers with our will / We can do better than I can".

Depois desta canção precisamos de um minuto para recuperar o fôlego. Apaguem-se as luzes

para ouvir Unrequited Love. Ambiente despido de efeitos, foco total numa voz frágil que potencia os sentidos, onde o espaço e o silêncio reinam

coroados por um coro clássico resgatado a Will You Still Love Me

Tomorrow das SHIRELLES que, aliás, LYKKE já cantou no passado. De novo, um nó na garganta. Faz falta descomprimir, o ar torna-se pesado. Nada melhor que Get Some para reencontrarmos a alma de pistoleira, com

tambores a estalar como chicotes e feitiços a fustigar os incautos aventureiros.

As emoções andam à deriva em todo o álbum. Tanto somos inundados por confiança e poder de controlo como apanhados por uma vaga de retenção, dor e desgosto. Como percebemos nas faixas seguintes Sadness is a Blessing, uma entrega quase masoquista à melancolia e tristeza profundas, ou I Know Places, cantada de peito aberto entre guitarras acústicas e baixos pantanosos, em que a máscara volta a cair e a mostrar um rosto desesperado na tentativa de encontrar a felicidade do amor noutra lugar (talvez na Lua, como podemos ver no vídeo). Com o coração a transbordar, LYKKE LI acaba de lambar as suas feridas com ligeiras pulsações electrónicas

em Jerome, batimentos cardíacos digitais que lutam pela vida até ao devastador e transcendental destino final, Silent My Song. Um disco sublime e confessional sobre amor, desgosto e descontentamento para ouvir de olhos fechados que consome a alma como incenso. Um feitiço de magia negra que nos prende em cada nota e faz ressoar a voz da cantora muito além do que poderíamos imaginar.

T— Pedro Lima  
www.stereobeatbox.com



BLACK MAGIC

WWW.MYSPACE.COM/LYKKE LI